

6 CONCLUSÃO

O palácio é uma construção sonora que ora se dilata ora se contrai, estreita-se como um emaranhado de correntes. Você pode percorrê-lo guiado pelos ecos, localizando rangidos, assobios, imprecações, seguindo respirações, sussurros, rosnados, gorgolejos.

Ítalo Calvino – “Um rei à escuta”

Ouvimos umas tantas vozes – ficcionais, teóricas, híbridas – de vários *eus* e tantos *outros*. Evocamo-las ao diálogo, ao embate, à réplica, à tensão. Outras, silenciarmo-las – por propósito, por descuido, por acaso. Eis-nos diante de nossa construção, que não se pretende palácio. Modestamente casa. O que fazer dela? De que modo vislumbrar o que levará no alforje o visitante que a tenha freqüentado? Se leva algo consigo, o que resta? O desafio. A proposta.

Para finalizar este percurso, antes de mais, é preciso “relativizar o relativismo” que perpassou nosso procedimento analítico ao longo dos capítulos anteriores. Assim, embora tenhamos apresentado diversos textos em que, em última instância, as perguntas sobre quem é o *eu* e quem é o *outro* não obteriam respostas definitivas, por outro lado tal fato não significa assumir a impossibilidade, ou o vale-tudo, como resposta.

Quanto aos riscos inerentes à postura relativista, Otávio Velho¹⁸⁴ chama a atenção para o fato de que tal postura pode, entendida e aplicada erroneamente às análises de fatos sociais, subsidiar uma concepção nihilista

¹⁸⁴ VELHO, Otávio. “Relativizando o relativismo”. In: **Besta-fera: recriação do mundo: ensaios críticos de antropologia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 171-184.

que colocaria em xeque os próprios estudos que se valem do conceito de *relativismo* para analisar contextos de diversidade.

Assim, o *relativismo* como aceitação do nihilismo poderia contribuir para corroborar a impressão de que as sociedades contemporâneas e os indivíduos que as compõem seriam marcados pela ausência de *valores*, ou uma escassez deles. Daí o problema conceitual quando se deseja explorar não a unidade, mas a diversidade de *valores*.

Outro problema, relacionado ao primeiro, é apontado por Clifford Geertz¹⁸⁵, que adverte quanto aos perigos de um movimento contrário ao *relativismo* como solução para suas limitações. Assim, propõe que se deve adotar uma postura “anti-anti-relativista”, considerando que “Nesse contexto, a dupla negativa simplesmente não funciona da maneira usual – e nisso residem seus atrativos retóricos. Ela permite rejeitar algo sem que com isso nos comprometamos com aquilo que este algo rejeita.”¹⁸⁶.

Portanto, se relativismo e anti-relativismo opõem, *grosso modo*, concepções sobre *valores* baseadas em *diversidade* e *unidade*, cremos que o argumento de Geertz, associado ao de Velho, conduzem o problema para uma mesma direção: o risco em se aceitar posturas totalizantes, mesmo que estas – em que pese o aparente paradoxo – sejam totalizantes no sentido de defender a diversidade.

Quanto às análises que desenvolvemos ao longo dos capítulos precedentes, esperamos não ter incorrido nesse equívoco conceitual, daí termos empregado a noção de *suplemento* em diversas circunstâncias em que nos referíamos às estratégias de leitura e escrita do *eu* e do *outro*.

¹⁸⁵ GEERTZ, Clifford. “Anti anti-relativismo”. In: **Nova luz sobre a antropologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 47-67.

¹⁸⁶ Idem, p. 48.

Feitas essas primeiras advertências, retomemos alguns dos principais traços do contexto em que se situam as obras por nós analisadas para que possamos, posteriormente, acenar com alguma possibilidade de conclusão coerente com tal contexto.

Desse modo,

Postulados como *morte do autor*, *apagamento da noção de origem e deslocamento do lugar da verdade* provocam uma radical mudança quando se pensa em leitura. Toma-se, aqui, o conceito de leitura não como uma ação monolítica, atomizada na figura do leitor como decifrador de ocultamentos de um texto-verdade. Ler um texto-literatura, ou um texto-quadro, ou um texto-música, ou qualquer manifestação cultural – corpo, casca, vísceras, paisagens – passa a ser um complexo procedimento de operações interpretativas inscritas na linguagem, numa tensão entre discursos.¹⁸⁷

Cremos que, através dos textos ficcionais que abordamos ao longo dos capítulos, ressaltou-se essa perspectiva sobre a linguagem como espaço de tensão entre discursos chamando a atenção para o fato de que, como procuramos demonstrar, tais discursos não se anulam mutuamente, ao contrário, funcionam sob a perspectiva do *suplemento*.

Ao lado do *suplemento*, há diversas outras propostas analíticas que permitem perscrutar o texto como terreno em que se encontram múltiplas vozes, sem necessariamente passarem por um processo de anulação mútua. Desde a proposição da *polifonia*, segundo Bakhtin, até uma das propostas de Ítalo Calvino: a *multiplicidade*. Nesse sentido, valoriza-se a existência da pluralidade como elemento já presente na própria concepção dos textos ficcionais.

¹⁸⁷ DINIZ, Júlio. “Narrativa ficcional e narrativa etnográfica.” In: Revista Palavra. n. 7. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2000, p. 132.

Quanto à possibilidade de que haja algum princípio organizador interno aos próprios textos, diante de tantas vozes nele presentes, ressaltemos o papel do *narrador performático*, como elemento que contribui para que não se perca a coerência no plano no texto, ainda que conteúdo e forma remetam ao indefinido, ao possível. Esse perfil de narrador, ele também um elemento interno à estrutura do texto, assumiria uma espécie de função metalingüística, a partir do momento em que oferece ao leitor as “pistas” sobre o texto que tem diante de si, como que orientando-lhe a leitura.

Desse modo, percebemos que, se os textos ficcionais por nós abordados inserem-se no cenário até aqui delineado, passam a requerer um protocolo específico de leitura, o que traz à cena a necessidade de se deslocar o foco do texto para o leitor. A estratégia de leitura requerida, pois, assim se apresenta:

Há a superação de uma leitura de complementaridade, prática em que o leitor faz o texto fechar-se como significado revelado, sentido oculto e interpretante da sua profundidade. Emerge, em contraface, uma leitura sob o regime de superfície, em que o agenciamento das forças que atuam na representação do texto ‘abandona a cena do profundo (no que ela importa enquanto centro, unidade, verdade) e procura examinar a *exterioridade*, os *cruzamentos* e as *relações* que constituem um texto, como superfície-plana, labiríntica e vertiginosa’, como afirma o crítico Roberto Corrêa dos Santos. (1986:84)”.¹⁸⁸

A aceitação do ato da leitura segundo tal perspectiva conduz à verificação de algumas competências exigidas do leitor:

¹⁸⁸ DINIZ, Júlio. “Narrativa ficcional e narrativa etnográfica.” In: Revista Palavra. n. 7. Departamento de Letras da PUC-Rio. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2000, p. 132.

O leitor já não é mais o perseguidor das intenções veladas do autor, mas aquele que, suplementando o texto primeiro, rasura-o com sua potência de produção de sentidos outros, com a sua vontade de transcriar as noções antes inabaladas de origem e autoria. O seu procedimento de leitura constrói-se como uma *assinatura escritural*, ressemantizando o texto, emprestando a ele novos sentidos, deslocando-se, num jogo especular, pelas esquinas da escritura.¹⁸⁹

Assim, voltamos à idéia da narrativa de ficção apontando para dois caminhos que se inter cruzam. O desafio é apresentado pela própria estrutura complexa de que se conforma tal narrativa. A proposta é pensar, até que ponto, esta complexidade pode ser verificada também como assunção de uma estratégia de leitura pelo sujeito leitor.

Quanto a essa questão, Gayatri Spivak apresenta as duas faces do mesmo movimento: pergunta, como título de um artigo, se “Can the subaltern speak?”¹⁹⁰, e apresenta, em outro texto, a seguinte possibilidade de resposta:

Para mim a questão “Quem deve falar?” é menos crucial que “Quem vai ouvir?” “Eu vou falar de mim mesma como uma pessoa do terceiro mundo” é uma posição importante para a mobilização política hoje, mas a exigência real é que, quando eu falo dessa posição, eu deva ser ouvida seriamente; não com aquele tipo de imperialismo condescendente, que simplesmente diz que pelo fato de eu ser indiana ou qualquer outra coisa ...¹⁹¹ (grifos nossos)

Portanto, arrematar, a título de conclusão, as *vozes etnográficas* com as quais até aqui dialogamos, aponta para procedimentos de escuta. Evidentemente, a caracterização de um leitor habilitado a acatar e praticar tal procedimento seria tarefa extremamente complexa, dada a pluralidade de

¹⁸⁹ Ibidem.

¹⁹⁰ SPIVAK, Gayatri. “Can the subaltern speak?” In: *The post-colonial reader*. New York: Ratledge, 1990, p. 24-28.

¹⁹¹ SPIVAK, Gayatri. *Hecate: An Interdisciplinary Journal of Women’s Liberation*. Chapel hill: UCP, 1989.

conceituações sobre a categoria de “leitor” hoje disponíveis nos estudos críticos.

Não sendo nosso objetivo teorizar sobre a questão do leitor, ousamos formular, entretanto, um conceito que julgamos válido e funcional pelo menos nos limites de nosso trabalho. O *leitor ensaísta*. Se abordamos a validade do ensaio como escrita do *eu* e do *outro*, ressaltando a especificidade desse gênero textual em contemplar elementos semoventes, fluidos, híbridos, cremos que tais elementos devem fazer parte também do procedimento de leitura, de “escuta” das vozes que emanam dos textos. Escuta solidária. Escuta desprestenciosa. Exercício da capacidade da criança de “ouvir a cor dos passarinhos”, dirá Manoel de Barros.

Assim, mais do *eu* ou *outro*, há a viagem que tanto as vozes quanto seus ouvintes empreendem. Não há *um* ponto de chegada, o que não invalida a busca. Mesmo chegando a algum lugar, ainda que cada um a seu modo – narradores, personagens e leitores – encontre seu porto, o grande jogo do texto e da leitura faz-se na viagem – nas memórias e esquecimentos proporcionados pelas vozes com que o viajante depara no percurso – não mais no porto. Portanto,

*Se partires um dia rumo a Ítaca
faz votos de que o caminho seja longo,
repleto de aventuras, repleto de saber.
Nem Lestrigões nem os Ciclopes
nem o colérico Posídon te intimidem;
eles no teu caminho jamais encontrarás
se ativo for teu pensamento, se sutil
emoção teu corpo e teu espírito tocar.
Nem Lestrigões nem Ciclopes
nem o bravio Posídon hás de ver,
se tu mesmo não os levars dentro da alma,
se tua alma não os puser diante de ti.*

*Faz votos de que o caminho seja longo.
 Numerosas serão as manhãs de verão
 nas quais, com que prazer, com que alegria,
 tu hás de entrar pela primeira vez um porto
 para correr as lojas dos fenícios
 e belas mercancias adquirir:
 madrepérolas, corais, âmbares, ébanos,
 e perfumes sensuais de toda a espécie,
 quanto houver de aromas deleitosos.
 A muitas cidades do Egito peregrina
 para aprender, para aprender dos doutos.*

*Tem todo o tempo Ítaca na mente.
 Estás predestinado a ali chegar.
 Mas não apresses a viagem nunca.
 Melhor muitos anos levars de jornada
 e fundeares na ilha velho enfim,
 rico de quanto ganhaste no caminho,
 sem esperar riquezas que Ítaca te desse.
 Uma bela viagem deu-te Ítaca.
 Sem ela não te ponhas a caminho.
 Mais do que isso não lhe cumpre dar-te.*

*Ítaca não te iludiu, se a achas pobre.
 Tu te tornaste sábio, um homem de experiência,
 e agora sabes o que significam Ítacas¹⁹².*

¹⁹² “Ítaca”. Konstantinos Kaváfis.